6.
O Hábito Alimentar

No curso do quanto comemos, quando comemos, como comemos o que comemos, na presença de quem comemos os alimentos sofrem processos de ajustamentos nas técnicas de elaboração, nos costumes e garantem a continuidade de um caráter cultural concebidos nos procedimentos dos hábitos alimentares.

Esses hábitos alimentares aplicados à Sociologia em Durkheim (2001),assinalam uma ação originária das consciências individuais formadas pela educação, relacionadas a um modo de socialização, definidas na assimilação dos princípios construídos exteriormente. Nesse contexto a comida faz referência articulada ao hábito alimentar constitutivo das relações estáveis entre os homens presentes nos padrões estéticos, nos estilos e nas maneiras de ordenação das partes que compõe o todo.

Em Bourdieu (1984), o habitus é de origem filosófica, é uma palavra latina associada ao costume, jeito de ser, uma estrutura a percepção e o modo de agir, uma forma corpórea aplicada a um conjunto de estímulos resultantes da interação com o meio ambiental (meio físico em termos objetivos e meio comportamentais), a articulação entre as condições de existência do indivíduo e as suas formas de ação e percepção atende às leis oriundas da semelhança entre as pessoas, na "união" dos elementos assegurados na integração do grupo, e no equilíbrio da forma que garanta um entendimento do que se percebe na articulação de um processo histórico, objetivado na história sob forma de instituição associado a uma maneira de agir interiorizada às condições de vida e às trajetórias pessoais capazes de desencadear as práticas ou as ações próprias expressas no constante diálogo entre o mundo objetivo e subjetivo orientado a uma prática cotidiana. A questão importante é que o habitus se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, refere-se a um grupo ou a um indivíduo, articula práticas cotidianas na vida concreta dos indivíduos.

Na proposta de Bourdieu (1996), os hábitos são os princípios geradores de vida concreta dos indivíduos, revelam a escolha alimentar interpretada a partir das leis da percepção que impõem ao corpo uma condição material incorporada às

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

representações sociais. Nesses termos, o habitus é entendido ao indicar a existência da correspondência entre as estruturas sociais e mentais colocadas à disposição dos significados simbólicos (1996: 32-33), sendo as forças político-econômicas identificadas através do estilo de vida, dos julgamentos políticos e morais.

> Os habitus são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de Expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e o que é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatário para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p.22).

Na adoção bakhtiniana, o hábito alimentar capta a realidade humana na perspectiva de "globalidade".[13] Nessa perspectiva, o "ser mesmo do homem" no encontro dialógico do "externo e do interno" [14]·. O hábito alimentar enquanto linguagem possui uma compreensão dialógica, a "alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam ao outro". (BAKTHIN, 1992:35-36) O homem se constitui e se desenvolve na interação em meio às relações sociais. "... um olhar compreendido e abrangente do ser homem, de seu fazer cultural" (CARLOS ALBERTO FAROCO, 1996: 118). Assim, o homem participa , significa, comunica e separa o meramente orgânico como a função digestiva·, e a função sexual ao prescindir das implicações culturais deslindadas e divisadas como um ser de linguagem.

Na passagem do tempo, as experiências no campo alimentar a partir da década de 1940 se inspiram nos alimentos americanos e europeus, na construção de lanchonetes conhecidas como fast foods, especialistas na feitura de alimentos

[13] Globalidade: pensar a cultura como um vasto e complexo universo semiótico de interações axiologicamente orientadas; e entende o homem como um ser de linguagem, um lócus dinâmico do encontro dialógico. Do externo e do interno que se constrói e se alimenta dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação sócio semiótica, donde emergem seus gestos singulares. (Carlos Alberto Faraco, p, 118).

[14] "O "ser mesmo do homem e externo e do interno" são expressões empregadas por TODOROV notexto Dostoievski, acerca da comunicação profunda de Ser significa comunicar-se". ((TODOROV1981: 311-12), E, apud BARROS, 1996: 27).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

rápidos. Nesse sentido, em DAMATTA (1986), a comida dos desacompanhados, a produção em série de variados tipos de sanduíches servidos seguidos de refrigerantes e de novos conceitos nutricionais, reinventados em um sistema de atuação na sociedade em acordo com os modelos que reforçavam a supremacia econômica no interesse do mercado.

A comida ao longo da história abriga-se a sistemas de signos interpretáveis que podem ser descritos de forma inteligível com densidade, na totalidade, algo dentro de um grupo passível de análise, presente às dimensões simbólicas dos comportamentos e nas ações sociais (arte, moralidade, religião, lei, ideologia, senso comum e etc.) Em GEERTZ (2012), a vocação essencial da antropologia é colocar a nossa disposição as respostas que outros deram e assim incluí-las no registro de consultas para que estes posteriormente venham a ser.

> De preferência nos primeiros domingos minha mãe caprichava, fazia inhoque com galinha assada. Esses eventos sempre aconteciam no início do mês próximo ao recebimento do pagamento. O dinheiro era contado e no finalzinho do mês quando sobrava mais dias e menos dinheiro, minha mãe fazia um esforço para nos domingos restantes do mês comêssemos galinha com batata, ou galinha com macarrão. Depois de sua passagem, comi inhoque com galinha assada uma única vez e não chegava aos pés da iguaria feita por minha mãe. (Tereza Cristina, aposentada, sessenta anos).

6.1.
O subúrbio

Na realidade histórica, as famílias obedeciam às fronteiras do subúrbio, ocupavam um espaço físico lançado aos meios práticos ou discursivos. A palavra "subúrbio" em português explicada por (EL-KAREN, 2010: 19) como a correspondente, banlieue, carrega consigo um sentido pejorativo. O sufixo sub implica em subalternidade. Em Francês, banlieue, como acentua (EL-KAREN, 2010), designava o território situado em um raio de légua (lieue) em torno da cidade e estava submetido a sua jurisdição "ban". Mas o ban era uma condenação ao exílio, à expatriação daí o verbo banir.

No Brasil, a expressão subúrbio localizado no Rio de Janeiro radicaliza experiências que servem de cenário a um conjunto de sistema de crenças e traz a ideia reservada aos grupos. Nas palavras de (NEI LOPES, 2012: 9) aos cidadãos de segunda classe.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

Bairro de classe média e de classe média pobre.

Figura 46 - Estação de Piedade

Bairro da fábrica de Fernando Braga que produzia chapéus.

Figura 47 - Estação da Mangueira

Nessa perspectiva, para Foucault (1998), as relações de poder ocorrem no cotidiano e permeiam as relações sociais. No mundo simbólico, a identidade suburbana foi marcada pela segregação socioespacial carregado de estigma. Este definido como aquele que pode ser transmitido por contaminação a todos os membros de uma família. (GOFFMAN, e, apud CARNEIRO, 1988:152).

Em Clara dos Anjos, romance datado de 1948, o narrador passeia pelo mundo suburbano. A literatura é compreendida dentro de um contexto total da cultura anunciador de uma determinada época (BAKTHIN, 1992: 380).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

> Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã de todas aquelas bibocas, alforjes, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. [...] O subúrbio é o refúgio dos infelizes. (LIMA BARRETO, 199:74)

Figura 48 - Casa de Subúrbio

No ponto de vista espacial, a ideia de subúrbio representa um território intermediário entre o urbano sinônimo de "cosmopolita e universal" e o rural lugar de generalização destinado aos carentes, designado aos bairros ligados pela linha do trem. Quando nos anos 1960 se intensifica na prática a remoção de favelas é substituído pelo termo conhecido como periferia, lugar conectado aos bolsões divergentes de pobreza e de riqueza definidos pela condição de dependência do centro, espaço dos moradores pobres das encostas e dos morros. Lugar mediado pela vivência das contradições, na imagem negativa de si imposta a si mesmo. Segundo Martins (2008), o subúrbio é uma realidade ainda pouco explicada, o rural se encontra presente, e o urbano nunca se constituiu plenamente. O "subúrbio designa a identidade específica de uma realidade espacialmente social entre a roça e a cidade, o produzir e o mandar, o trabalhar e o desfrutar". Nesse processo de transição para modernidade, a cidade se torna o centro do poder. O subúrbio atenua os contrastes entre o rural e o urbano (MARTINS, 2008: 45).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

Figura 49 - Casa do subúrbio dos Estados Unidos

Revelado na adoção de significação diferente do subúrbio no Brasil, nos Estados Unidos, o subúrbio é ocupado pelas camadas ricas nos contornos da cidade. Nesse sentido, representaria o lado bom do urbano. Implicitamente, há uma crítica ao puramente urbano como lugar para morar. O núcleo urbano localizado nos arredores de uma região metropolitana geralmente vivem famílias de classe média ou alta, com índices de qualidade de vida e segurança em geral maiores que os das áreas residenciais centrais. "Nos subúrbios cariocas, como escreveu certa feita Peregrino Júnior, a vida tem horizontes exíguos – e as aspirações e os sonhos têm seus limites nos trilhos da estrada de ferro" (FABRIS, 1994).

No meio urbano, na década dos anos sessenta, os aspectos subjetivos e objetivos encontrados nas relações dos objetos se constituíram na formação de um todo funcional envolvido nos conflitos psicológicos e sociais até o final dos anos oitenta os dramas pessoais no contexto de violência política e social. No ensaio sobre a Metrópole e a vida mental, é inevitável o conhecimento da existência em que se destacam diferentes tipos de individualismo. Em SIMMEL (1997) a metrópole extrai do homem uma atitude blasé[15], *uma redução de sensibilidade*

[15] A atitude Blasé segundo Simmel *"é a incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas (...) que associada à economia monetária, a essência da atitude blasé encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas (...) não são percepcionadas como significantes"* (p. 35).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA

pelo excesso de estímulo, comportamento indiferenciado, insinuado na preservação da individualidade face à esmagadora pressão das forças sociais.

1960 é a década dirigida aos esforços de valoração dos alimentos identificados acertas misturas adequadas ao consumo diário endereçado às fases da vida na estreita relação de ideologia alimentar a experiência orgânica.

> (...).das ideologias alimentares em sistema cognitivo simbólico que define qualidades e propriedades de alimentos e do que se alimentam, qualidades e propriedades estas que tornam um alimento indicado ou contraindicado em situações específicas, que definem seu valor, como alimento, em função de um modelo, pelo que se conceptualize a relação entre alimento e o organismo que o consome e que define simbolicamente a noção social do indivíduo. (WOORTMANN,1978: 119-50).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1111640/CA